**Educação para a Saúde e Educação Sexual**

**para crianças em meio escolar**

Psicologia - Texto de Apoio nº 1

**O Desenvolvimento do conceito de género**

“Há muita confusão entre sexo e género, orientação sexual, meninos e meninas, pilinhas e pipis e, principalmente muitos mitos, tabus e receios.

À medida que as crianças crescem, apercebem-se que algumas pessoas são homens, outras mulheres. E que entre eles, há meninos e meninas. E a identificação começa com o estudo do seu próprio corpo e com a comparação com os outros, reconhecendo dois tipos anatómicos diferentes. Nelas e nos pais e irmãos, ou nas pessoas em geral. A determinada altura começam a utilizar com mais propriedade o masculino e o feminino, sendo corrigidos quando erram e melhor percebendo como que há diferenças entre o gato e a gata, entre o primo e a prima, embora se surpreendam um pouco porque é que existe uma cadeira e não um cadeiro, um piano e não uma piana… Mesmo com estas confusões e ambiguidades há uma progressiva compreensão do mundo em duas versões e aos dois anos e picos já gozam com as situações: “Tenho um pipi…é pilinha, pipi têm as meninas”. A diferenciação de género é uma das primeiras categorizações que as crianças fazem, e que dividirá o mundo em múltiplas classes e conjuntos, passando pelas formas, cores, tamanhos, etc…

Cada criança é diferente, mas podemos considerar de uma forma global que o conceito de género evolui da seguinte forma:

**7 meses:** os bebés conseguem diferenciar bem a voz das mulheres e dos homens (diferenciação de timbres)

**12 meses:** a criança consegue atribuir a noção de género à cara das pessoas e treinam isso com os pais, demorando-se a olhar para eles. Se ouvirem uma mulher ou um homem a falar num grupo, irão procurar a cara da mulher ou de um homem para perceber quem realmente está a falar.

**2 anos:** as crianças começam a usar o género nas brincadeiras e no jogo. Começa a haver alguma predileção pelos jogos de rapariga ou de rapaz, não apenas pelo que foi induzido, mais explícita ou implicitamente pelos pais e outros adultos, mas também por alguma noção intrínseca dos respectivos papéis (e que é algo que mora nos nossos genes e na nossa memória antropológica), e por imitação dos adultos (que têm papéis e representações claramente diferentes);

**2-3 anos:** a chamada “identidade de género” está definida. Nesta idade, as crianças já sabem que são meninos ou meninas, e riem-se se lhes dizemos o contrário, com base sobretudo na anatomia dos seus órgãos genitais.

**3-4 anos :** começa a categorização do mundo. E não apenas no “género” dos objetos, mas na associação de género entre eles (e os seus pares) e os objetos.

**4-5 anos:** há uma compreensão mais vasta das coisas. Pôr maquilhagem será visto com “feminino”, mudar um pneu será visto como “masculino”. E daí alguma perplexidade se o pai coloca avental ou se mãe levanta pesos.

Algumas dicas para os educadores pensarem e desenvolverem, neste âmbito:

Não emitir juízos de valor sobre o papel dos géneros (“ah isso é coisa para mulheres, ou um homem não chora”).

Não limitar os brinquedos e as brincadeiras das crianças, com medo que fiquem gays ou masculinizadas

Não classificar as tarefas domésticas, profissões ou desportos de acordo com o género.

Encorajar que rapazes e raparigas brinquem com todo o tipo de brinquedos e façam todos os papéis no teatro do faz-de-conta. Eles saberão situar-se ao nível do papel de género, seguindo por exemplo o modelo dos pais.

Incentivar que nos jogos e nas relações interpessoais, os rapazes respeitem as raparigas e vice-versa. A superioridade de género não pode ter lugar numa educação correta e não basta dizer, é preciso mostrar o modelo.

Respeitar a curiosidade das crianças e entender as perguntas provocatórias, às perguntas das crianças só pode haver respostas verdadeiras. Contudo, a verdade pode ter vários níveis de profundidade, as respostas devem ser sempre adequadas ao nível de compreensão das crianças.